



① A PROBLEMATICA AMBIENTAL É UM TEMA DISCUTIDO, HOJE, A NÍVEL GLOBAL. PROLIFERAM-SE FÓRUMS POLÍTICOS E ACADEMICOS, REDES DE PESQUISA, CAMPANHAS E PRODUTOS CULTURAIS (COMO FILMES E MÚSICAS) QUE ABORDAM O TEMA DA FRAGILIDADE DO MEIO AMBIENTE, TENDO O AQUECIMENTO GLOBAL COMO UM DOS PRINCIPAIS TÓPICOS DE DEBATE NESTA ÁREA.

ESSE IMPERATIVO TEM SE IMPOSTO TAMBÉM NO CURRÍCULO ESCOLAR. NO BRASIL, POR EXEMPLO, PODEMOS CITAR A LEI 9795/1998, QUE INSTITUI A POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, E A LEI 12608/2012, QUE PREVÊ A INCLUSÃO DE NOÇÕES DE "VULNERABILIDADE" E "RISCO" NOS CURRÍCULOS. TAIS LEIS TRADUZEM UM MOVIMENTO INSTITUCIONAL EM DIREÇÃO AO FORTALECIMENTO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL E UM INCENTIVO AO DEBATE DA PROBLEMATICA AMBIENTAL EM SALA-DE-AULA.

APESAR DA QUESTÃO AMBIENTAL SER DE NATUREZA ESSENCIALMENTE TRANSDISCIPLINAR, OS CONTEÚDOS ASSOCIADOS A ESSE TEMA TEM SIDO ABORDADOS NO ESPAÇO ESCOLAR ESPECIALMENTE POR DUAS DISCIPLINAS: A BIOLOGIA, ATRAVÉS DOS TÓPICOS DE ECOLOGIA, E A GEOGRAFIA. DADA A RELEVÂNCIA QUE O TEMA DA PROBLEMATICA AMBIENTAL VEM ASSUMINDO NAS ÚLTIMAS DÉCADAS E NAS MAIS VARIADAS ESCALAS, É IMPORTANTE QUE NÓS GEOGRAFAS REALIZEMOS UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE A ABORDAGEM QUE TEMOS CONFERIDO A ESSE TEMA. ESTA É A TAREFA A QUAL SE PROPÕE ESTE TEXTO, PRINCIPALMENTE, TRAZEREMOS UM BREVE HISTÓRICO SOBRE COMO A QUESTÃO AMBIENTAL FOI TRATADA NO CURRÍCULO DE GEOGRAFIA ESCOLAR AO LONGO DO SÉCULO XX. EM SEQUIDA, APRESENTAREMOS ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O LUGAR QUE ELA OCUPA HOJE NESTE CURRÍCULO. POR



ÚLTIMO, FINALIZAREMOS LEVANTANDO PROPOSTAS DE ADOPTAÇÃO PARA A TEMÁTICA AMBIENTAL QUE CONGREGUEM COLABORAÇÕES DA GEOGRAFIA FÍSICA E DA GEOGRAFIA HUMANA.

ANILE ARAÚJO, EM TESE DEFENDIDA NO PPGG-UFRJ, DISCUTE O LUGAR DA GEOGRAFIA FÍSICA NO CURRÍCULO ESCOLAR. TAL DISCUSSÃO É PRECEDIDA POR UM HISTÓRICO RECENTE SOBRE A FORMA COMO TEMAS LIGADOS A NATUREZA E O MEIO AMBIENTE FORAM TRATADOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA AO LONGO DO SÉCULO XX. CONCORDAMOS COM A AUTORA QUE O LUGAR QUE ESSES TEMAS ASSUMIAM NO CURRÍCULO SEMPRE ESTEVE VINCULADO ÀS DISCUSSÕES EPISTEMOLÓGICAS DA GEOGRAFIA, TRADUZIDOS, UNITAS VETES, EM UM DEVALUADO GEOGRAFIA FÍSICA E GEOGRAFIA HUMANA.

APONTA A AUTORA QUE, POR MUITAS DÉCADAS, OS CONTEÚDOS LIGADOS AO MEIO AMBIENTE APARECIAM NOS LIVROS DIDÁTICOS E NAS SALAS DE AULA COMO TÓPICOS DESCRITIVOS E ENCICLOPÉDICOS. ACOMPANHANDO UMA TRADIÇÃO DA ESCOLA FRANCESA, TEMAS LIGADOS A HIDROGRAFIA, RELEVO E CLIMA APARECIAM NO CURRÍCULO DE FORMA DESARTICULADA E POUCO PROBLEMATIZADA, REUNIDOS ~~EM~~ NA "GEOGRAFIA FÍSICA", CONSTITUÍAM EM UM CONJUNTO DE CONTEÚDOS QUE INTRODUZIAM OUTROS, COMO ASPECTOS DA POLÍTICA E DA ECONOMIA, EM UMA ABORDAGEM REGIONAL E POUCO CRÍTICA.

ARAÚJO APONTA A DÉCADA DE 1980 COMO PONTO DE MUDANÇA NA FORMA COMO A PROBLEMATICA AMBIENTAL VAI APARECER NAS AULAS DE GEOGRAFIA. NO ENTANTO, APONTA A AUTORA, ESSA MUDANÇA NÃO FOI

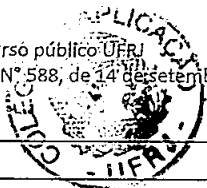
MARUDA POR UMA ABORDAGEM MAIS APROFUNDADA DOS TEMAS LIGADOS AO MEIO AMBIENTE, PSEO CONTRÁRIO. COM A GEOGRAFIA CRÍTICA, DE CUNHO MARXISTA, TRADUZIDA EM TRABALHOS DE AUTORES COMO VIVES LACOSTE, DAVID HARVEY E MILTON SANTOS, ASSUMIN DO UMA GRANDE IMPORTÂNCIA TANTO NA ACADEMIA QUANTO NA ESCOLAS, PASSAMOS DE UMA GEOGRAFIA ENCICLOPÉDICA E DESCRITIVA PARA UMA GEOGRAFIA PREOCUPADA EM DISCUTIR AS BASES ESTRUTURAIS DAS DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS DO MUNDO CAPITALISTA. NESSE CONTEXTO, TEMAS LIGADOS AOM MEIO AMBIENTE, APONTA ARAÚJO, VÃO APARECER DE MANEIRA COADJUVANTE NO CURRÍCULO, USUAMENTE ENTENDIDOS COMO "RECURSOS NATURAIS", OS DIVERSOS ELEMENTOS DA NATUREZA SÓ VÃO SER TRATADOS QUANDO SERVIREM DE BASE PARA UMA DISCUSSÃO SOBRE O MODO DE DE PRODUÇÃO CAPITALISTA. TÊMOS, ENTÃO, UMA GEOGRAFIA ESCOLAR MAIS CRÍTICA E DE ABORDAGEM MAIS PROBLEMATIZADORA, MAS DOMINADA POR TEMAS GERALMENTE ASSOCIADOS A GEOGRAFIA HUMANA É, AINDA, POUCO DEDICADA À QUESTÃO AMBIENTAL.

A EMERGÊNCIA EM ESCALA GLOBAL DA DISCUSSÃO SOBRE O MEIO AMBIENTE TOMA MAIOR FORÇA NA DÉCADA DE 1990, TRADUZINDO-SE EM REALIZAÇÕES DE EVENTOS COMO A ECO 92, POR EXEMPLO. COMO DISSEMOS ANTERIORMENTE, ESSA EMERGÊNCIA VAI TOMAR CORPO TANTO EM UMA SÉRIE DE LEIS A RESPEITO DO MEIO AMBIENTE, QUANTO EM LEIS ESPECÍFICAS SOBRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL. A GEOGRAFIA VAI ACOMPANHAR ESSE MOVIMENTO E, SEGUINDO ANILIS ARAÚJO, A QUES-



TÃO AMBIENTAL VAI COMEÇAR A GANHAR MAIOR DESTAQUE NO CURRÍCULO ESCOLAR DE GEOGRAFIA. NÃO POR ACASO, AUTORES COMO SUERTEGARAY, AFONSO, ARMOND, PALLAI E CAVALCANTI TEM DEBATIDO EM ARTIGOS E CONGRESSOS QUAL É O LUGAR DESSOS TEMAS, E DE PRÁTICAS LIGADAS AO USO AMBIENTE, NO CURRÍCULO DE GEOGRAFIA

NO ENTANTO, PERMISTE AINDA UMA PERCEPÇÃO DE QUE A PROBLEMÁTICA AMBIENTAL CONFIGURA UM TEMA LIGADO, ESSENCIALMENTE, À GEOGRAFIA FÍSICA. AINDA QUE OBSERVEMOS, NOS LIVROS DIDÁTICOS, TÓPICOS COMO "PROBLEMAS AMBIENTAIS URBANOS" OU "AGROPECÚRIA E IMPACTOS AMBIENTAIS", ACREDITAMOS QUE O FUNDAMENTAL TEÓRICO-METODOLÓGICO DESENVOLVIDOS POR GEÓGRAFOS FÍSICOS E HUMANOS PODEM CONTRIBUIR PARA UMA ABORDAGEM DA PROBLEMÁTICA AMBIENTAL DE MODO MAIS TRANSDISCIPLINAR ~~COM~~ ~~PERMISTE~~, BUSCANDO ANALISAR COMO FATORES SOCIAIS E NATURAIS INTERAGEM DE FORMA COMPLEXA E SUPERANDO O VELHO DUALISMO DA NOSTRA DISCIPLINA. ~~■~~ PARA FINALIZAR MÓS E ILUSTRAR A IDEIA APRESENTADA ACIMA, TOME-MOS O CONCEITO DE "GEOSSISTEMAS", DE VITOR SOTCHAVA, TÃO CARO AOS ESTUDOS DOS GEÓGRAFOS FÍSICOS. PENSADAS COMO "UNIDADES ESPACIAIS COM CARACTERÍSTICAS ELEMENTARES RELACIONAIS E DINÂMICAS SEMELHANTES, CONSIDERANDO ASPECTOS NATURAIS QUE PODESSEM INFLUENCIAR A SUA ESTRUTURA", A IDEIA DE GEOSSISTEMA ENFERMA EM SI O PRINCÍPIO DA INTERAÇÃO COMPLEXA (MORIN) ENTRE SOCIEDADE E NATUREZA, FUNDAMENTAL PARA A COMPREENSÃO DE FENÔMENOS ASSOCIADOS À PROBLEMÁTICA AMBIENTAL.



Podemos pensar, por exemplo, nas implicações positivas e no potencial pedagógico desse conceito para temas associados, usualmente, a Geografia Humana, como o processo de industrialização, a organização interna das cidades e os modelos de produção agrícola. Além de possibilitar uma abordagem sistêmica voltada para as interações de fatores de diferentes naturezas, a ideia de geossistemas também permite que a problemática ambiental seja abordada de forma multiescalar, se considerarmos a existência de geossistemas dentro de geossistemas.

Por outro lado, um aporte conceitual proveniente da Geografia Humana também pode enriquecer o nosso debate sobre a problemática ambiental. O conceito de lugar (Tuan, Relph), que destaca as nossas reações afetivas com os espaços e o próprio conceito de território, visto sob a perspectiva simbólica e de laços de pertencimento com um local (Haesbaert) pode auxiliar na construção de uma sensibilização do aluno para questões socioambientais, tais como o deslocamento de populações tradicionais por conta da construção de hidrelétricas, por exemplo, e estimular ~~a construção~~ o fortalecimento do que Martha Nussbaum chama de "imaginação empática."

Em suma, o destaque que a problemática ambiental vem ganhando no currículo de Geografia pode ser potencializado pelo diálogo teórico e conceitual entre geógrafos físicos



E HUMANOS. ESSA É UMA DEMANDA DA SOCIEDADE DE HOJE E POUCOS PROFISSIONAIS ESTÃO TÃO BEM PREPARADOS PARA ESTABELEÇER ESSA PONTE COMO ~~PODEMOS~~ ESTÃO OS GEÓGRAFOS

③ COMO APONTARAM RECENTEMENTE, SOUTO E NAVARRO, TEMOS OBSERVADO UM CRESCIMENTO E FORTALECIMENTO DO "ENSINO DE GEOGRAFIA" COMO CAMPO DE DISCUSSÃO NO BRASIL. ISSO SE TRADUZ NA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS, REALIZAÇÃO DE CONGRESSOS E FORMAÇÃO DE DIFERENTES GRUPOS DE PESQUISA SOBRE O TEMA.

NO ENTANTO, DOIS IMPORTANTES E TRADICIONAIS RECURSOS DIDÁTICOS DA GEOGRAFIA NÃO TEM RECEBIDO A DEVIDA ATENÇÃO POR PARTE DOS PESQUISADORES DESSA ÁREA: O TRABALHO DE CAMPO NA GEOGRAFIA ESCOLAR E O USO DE RECURSOS IMAGÉTICOS NA SALA DE-AULA.

DADA A DIMENSÃO QUE OS TEMAS ACIMA ~~SELECIONADOS~~ POSSUEM NA DISCUSSÃO SOBRE RECURSOS DIDÁTICOS, BUSCAREMOS, NESTE TEXTO, CONTRIBUIR COM ALGUMAS REFLEXÕES, PARTINDO DE UM RECORTE TEMÁTICO ESPECÍFICO: A QUESTÃO AMBIENTAL. PRINCIPALMENTE, APRESENTAREMOS UM BREVE PANORAMA SOBRE O DEBATE CORRENTE A RESPEITO DO TRABALHO DE CAMPO E O USO DE IMAGENS NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO. EM SEQUÊNCIA, DEBATEREMOS DE FORMA CRÍTICA O USO DESSOS RECURSOS DE FORMA DIDÁTICA NAS AULAS DE GEOGRAFIA. POR ÚLTIMO, IREMOS PROBLEMATIZAR O USO DE IMAGENS E TRABALHOS DE CAMPO NO TRATAMENTO DAS QUESTÕES AMBIENTAIS NA GEOGRAFIA ESCOLAR.

ANDRÉ NOVAES, EM ARTIGOS RECENTES, TEM CHAMADO ATENÇÃO PARA O CRESCENTE INTERESSE DOS GEOGRAFOS SOBRE O PAPEL QUE AS IMAGENS POSSUEM NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRAFICO. APONTANDO AUTORES COMO ROSE E COSGROVE, NOVAES DESTACA COMO A IMAGEM, TRADICIONALMENTE, ASSUMIU UM PAPEL LEGITIMADOR DO DISCURSO GEOGRAFICO, REPRESENTANDO UMA FORMA SINTÉTICA DE SE APRESENTAR "A VERDADE SOBRE O MUNDO". ESSE USO DA IMAGEM É DESTACADO TAMBÉM POR COMES E RIBEIRO, PARA QUEM A GEOGRAFIA SEMPRE ESTEVE ASSOCIADO A UM FOMTE IMPERATIVO VISUAL: MAPAS, FOTOS, PINTURAS E GRÁFICOS SEMPRE FIZERAM E AINDA FAZEM PARTE DO ARSENAL METODOLÓGICO E COMUNITATIVO DOS GEOGRAFOS.

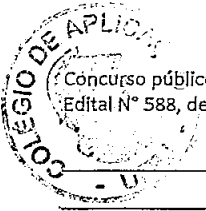
JÁ O TRABALHO DE CAMPO, ANTIGO RECURSO DE PESQUISA DA GEOGRAFIA, POUCA ATENÇÃO TEM RECEBIDO DAQUELES QUE SE PROPÕEM DISCUTIR A TEORIA E OS MÉTODOS DA GEOGRAFIA. É O QUE APONTA GISELA PIREZ DO RIO, EM ARTIGO PUBLICADO EM 2006 NO BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA, NUMA EDIÇÃO RARA DEDICADA AO TRABALHO DE CAMPO. TRATA-SE DE UMA ESCUSAZ QUE CONTRASTA COM A LARGA PRODUÇÃO DOS ETNOGRAFOS SOBRE O TEMA E QUE IMPRESSIONA, DADA A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE CAMPO PARA A GEOGRAFIA.

EM COMUM, RECURSOS IMAGÉTICOS E TRABALHOS DE CAMPO, POSSUEM O FATO DE SE CONFIANÇAREM COMO TRADICIONAIS RECURSOS DIDÁTICOS DA GEOGRAFIA ESPOLAR. NOVAES, NO ENTANTO, APONTA QUE TAIS RECURSOS SÃO, AINDA HOJE, POUCO DESENVOLVIDOS E SUBUTILIZADOS PELOS PROFISSIONAIS DA ÁREA.

~~ANDRÉ NOVAES~~
~~O AUTOR~~ APOUNTA QUE AS IMAGENS NA SALA DE AU-
LA, SEJA EM POWER POINTS, LIVROS DIDÁTICOS QUAT-
RAS, AINDA SÃO UTILIZADAS "PARA MOSTRAR", PARA,
POR EXEMPLO, APRESENTAR LOCALIZAÇÕES, DESCRVER
FISIONOMIAS DA PAISAGEM, OU SEJA, PARA DAR SU-
PORTE AO DISCURSO APRESENTADO PELO PROFESSOR
EM SALA-DE-AULA.

DA MESMA FORMA, OS TRABALHOS DE CAMPO,
USUAMENTE, CONFIGURAM-SE COMO AULAS DE CAMPO,
ONDE OS ALUNOS SÃO CONVIDADOS A OBSERVAR
"NO MUNDO REAL" AQUILO QUE FOI EXPLICADO EM
SALA-DE-AULA. AINDA QUE A QUESTÃO DA ROTINA
ESCOLAR E A SAÍDA PARA CAMPO POSSUA UM VALOR
PEDAGÓGICO QUE NÃO PODE SER DESCONSIDERADO,
ACREDITAMOS QUE HÁ MUITAS POSSIBILIDADES
PARA O USO DO TRABALHO DE CAMPO COMO RE-
CURSO DIDÁTICO QUE PODEM AINDA SEREM EXPLORADAS.
O MESMO ACONTECE NO USO DE RECURSOS MA-
TÉRICOS.

NOVAES PROPÕE QUE AS IMAGENS NA AULA DE
GEOGRAFIA PODEM SER UTILIZADAS TANTO "PARA MOS-
TRAR", COMO DISSEROS, MAS TAMBÉM "PARA DESCO-
BRIR", OU SEJA, PODEM SER UTILIZADAS NÃO APENAS
PARA LEGITIMAR O DISCURSO DO PROFESSOR, MAS
TAMBÉM PARA ESTIMULAR OS ALUNOS A LEVANTAREM
SUAS PRÓPRIAS QUESTÕES. O MESMO PODE SER FEITO
A RESPEITO DO TRABALHO DE CAMPO QUE, AO INVÉS
APENAS DE MOSTRAR "O MUNDO COMO ELE É" PO-
DE SERVID. PARA QUE INSTIGUEMOS NOS ALUNOS
A CAPACIDADE DE LEVANTAR SUAS PRÓPRIAS QUESTÕES
E ~~ADQUIRIR~~ TAMBÉM CONSTRUIR CONHECIMENTO.



ACREDITAMOS, INCLUSIVE, QUE ESTE TIPO DE ABONDA-
GEM PODE SER MUITO VALIOSA NO TRATAMENTO DAS
QUESTÕES AMBIENTAIS NA GEOGRAFIA. COMO APOIN-
TAM SERPA E ALÉNTÉJANO E DOCA LÊA, O TRABALHO
DE CAMPO, NA MEDIDA QUE NOS APRESENTA O MUN-
DO ~~DO~~ EM SUAS INTERAÇÕES COMPLEXAS, PODE ~~PODE~~
NOS AJUDAR A SUPERAR A DICOTOMIA SOCIEDADE
X NATUREZA, ~~PODE~~ AMALGAMADAS NAS PAISAGENS
COM QUE NOS DEPARAMOS AO VISITAR UM LUGAR.
NESSE SENTIDO, UM TRABALHO DE CAMPO "PARA DESCO-
BRIR" QUESTÕES AMBIENTAIS, PODEMOS SER CONTRU-
ZIDO PELA ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO DE QUESTIO-
NÁRIOS POR PARTE DOS PRÓPRIOS ALUNOS, AO
INVÉS DE UMA VISITA QUE SE PROPOE A "MOSTRAR"
PROBLEMAS SOCIOAMBIENTAIS, O PROCESSO DE CONSTRU-
ÇÃO DE FERRAMENTAS DE PESQUISA E APLICAÇÃO EM
CAMPO PODE SER UMA CAMINHO PARA UMA EDUCAÇÃO
AMBIENTAL MAIS SIGNIFICATIVA, COMO DEFENDE
MAURO GUILMARDES. DA MESMA FORMA, ORIENTAR OS
ALUNOS EM ATIVIDADES QUE VISEM O REGISTRO FO-
TOGRÁFICO DE PROBLEMAS AMBIENTAIS LOCAIS, FA-
ZENDO DOS ALUNOS PRODUTORES DE CONTEÚDO I-
MAGÉTICO SOBRE QUESTÕES LIGADAS AO MEIO AM-
BIENTE, PODE ESTIMULAR QUE OS ALUNOS ESTEJAM
MAIS ATENTOS AOS SEUS LUGARES E ÀS ~~AS~~ PRO-
BLEMÁTICA AMBIENTAL QUE É RELEVANTE PARA
ELÉS.



② EM TESE DEFENDIDA HÁ POUCOS ANOS, O GEOGÓRAFO RAFAEL AMOSA MATTOS FEZ UMA CONTINUENTE DEFESA DO USO DE CARTOGRAFIAS DIGITAIS E COLABORATIVAS NA SALA-DE-AULA DE GEOGRAFIA. PARA O AUTOR, O DESLOCAMENTO DO ALUNO DO PAPEL DE LECTOR PARA PRODUTOR DE MAPAS, PROMOVE UMA APRENDIZAGEM MAIS DINÂMICA E SIGNIFICATIVA, APROXIMANDO-OS DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE MAPAS. ALÉM DISSO, A INCORPORAÇÃO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NAS AULAS DE GEOGRAFIA PERMITE UMA MAIOR FAMILIARIDADE DOS ALUNOS COM O MUNDO DA CARTOGRAFIA, DADO O USO COTIDIANO QUE ESSES ALUNOS FAZEM DE SMARTPHONES, NOTEBOOKS E DA INTERNET.

PARTINDO DESSAS PREMISSAS, GOSTARIAMOS DE APRESENTAR UMA ABORDAGEM DIDÁTICA A RESPEITO DAS RELAÇÕES ENTRE DESIGUALDADE SOCIAL E QUESTÕES AMBIENTAIS QUE INCORPORA TECNOLOGIAS DIGITAIS E DESLOCA O ALUNO PARA O PAPEL DE PRODUTOR DE MAPAS E PROBLEMATIZADOR DE QUESTÕES SOCIO-AMBIENTAIS. TAL PROPOSTA É FORMULADA PARA ALUNOS DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, QUANDO, GERALMENTE, É INTRODUZIDA A DISCUSSÃO A RESPEITO DA GLOBALIZAÇÃO. COMO OBJETIVO, PARECE-MOS QUE OS ALUNOS, AO FINAL, COMPREENDAM AS RELAÇÕES ~~EXISTENTES~~ MULTIESCALARES ENTRE DESIGUALDADE SOCIAL E QUESTÕES AMBIENTAIS.

SE CONCORDARMOS COM STRAFORINI, QUE, A PARTIR DE UMA LEITURA PRÓPRIA DA OBRA DE MILTON SANTOS, DEFENDE QUE A ABORDAGEM

DOS ~~TEMAS~~ ~~CONTÊÚDOS~~ CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA NÃO DEVEM SER UM HIERARQUIZADO ESCALAR E, SIM, PROCURAR RESSEMITAR OS ASPECTOS MULTIESCALARES DOS FENÔMENOS, ENTREGANDO O GLOBAL NO LOCAL, PODEMOS PROPOR UMA ATIVIDADE SOBRE DESIGUALDADES SOCIOAMBIENTAIS A NÍVEL GLOBAL QUE PARTA DA OBSERVAÇÃO E ANÁLISE DESSAS QUESTÕES A NÍVEL LOCAL.

NESSE SENTIDO, CONVIDARIAMOS OS ALUNOS A FAZER UM LEVANTAMENTO, NAS REDES SOCIAIS, DE ONGS E MOVIMENTOS SOCIAIS DAS SUAS CIDADES QUE DENUNCIEM CASOS QUE PODERÍAMOS ENQUADRAR DENTRO DA AGENDA DA "ECOPOLÍTICA SOCIAL" (COMO CHAMOU MARCELO HOPES DE SOUZA RECENTEMENTE). OU SEJA: DENÚNCIAS SOBRE POPULAÇÕES VIVENDO EM ÁREAS DE RISCO; DESLOCAMENTO DE COMUNIDADES SOB O PRETEXTO DE "PRESERVAÇÃO DA FLORESTA", COMO ACONTECE EM ALGUMAS FAVÉIS CARIOCAS; DENÚNCIAS DE POLUIÇÃO HIDROGRÁFICA QUE AFETA POPULAÇÕES RIBEIRINHAS; OCORRÊNCIA DE ENCHENTES EM ÁREAS SEM ESCOTO E PAVIMENTOS E DRENAGEM, ETC.

O PRÓXIMO PASSO APÓS O LEVANTAMENTO SERIA O SEU Mapeamento EM UMA PLATAFORMA DIGITAL DE LIVRE ACESSO, COMO O MYMAPS DA GOOGLE. ISSO NOS DARIA UM QUADRO GEOGRÁFICO LOCAL DA DESIGUALDADE SOCIOAMBIENTAL. COMO ENQUADRAR E ANALISAR ESSES CASOS EM UMA ESCALA GLOBAL?

PARA ISSO FARIAMOS O USO DE OUTRO RECURSO DIGITAL MUITO UTILIZADO PELOS A-

UNOS: AS "HASHTAGS", OU SEJA, PALAVRAS E FRASES
ENTRADA QUE A COMPANHADAS DO SIMBOLO "#",
PERMITEM COM QUE NOS CONECTEMOS COM
DESSOAS DE TODO O MUNDO QUE ESTÃO U-
TILIZANDO AS MESMAS HASHTAGS QUE NÓS.

ESCOLHENDO PALAVRAS-CHAVE ESPECÍFICAS E
PRIORIZANDO A SUA ESCRITA EM LUGAR OS
ALUNOS TERIAM ACESSO A DENÚNCIAS FEITAS
EM REDES COMO O "TWITTER", "FACEBOOK"
E "INSTAGRAM" QUE TRATEM TAMBÉM DE QUES-
TÕES LIGADAS A DELIQUÊNCIAS SOCIOAMBIENTAL
TAIS DENÚNCIAS SERIAM TAMBÉM MAPEADAS E PODE-
RIAMOS PROPOR QUESTÕES EM MÚLTIPLOS ESCUAS:

HA UM PADRÃO ESPACIAL DE OCORRÊNCIA DAS DE-
NÚNCIAS LEVANTADAS, NO QUE DIZ RESPEITO ÀS
ÁREAS CENTRAIS E PERIFÉRICAS DAS CIDADES?
COMO ESTÃO DISTRIBUÍDAS AS OCORRÊNCIAS NO GLO-
BO? HA PADRÕES DE DISPERSÃO E CONCENTRAÇÃO
A NÍVEL GLOBAL? COMO SE DIFEREM AS DENÚNCIAS,
SEGUNDO O GRAU DE DESENVOLVIMENTO DOS PAÍSES?

FINALIZANDO, A AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE PO-
DERIA SER FEITA A PARTIR DAS QUESTÕES ACIMA
APRESENTADAS. ~~SE TIVERMOS ÊXITO~~ EM UM DE-
BATE MEDIADO NA TURMA, CONDUZIDO PELOS
MAPAS QUE ELES MESMOS PRODUZIRAM. SE
TIVERMOS ÊXITOS, OS ALUNOS TANTO PERCEBERÃO
AS ESPECIFICIDADES LOCAIS DA QUESTÃO SOCIO-
AMBIENTAL, QUANTO PERCEBERÃO A CONEXÃO
DAS MESMAS COM OCORRÊNCIAS DISTRIBUÍDAS
A NÍVEL GLOBAL.